Anno II — OVAR, quinta-feira 19 de Agosto de 1909 — Numero 69

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,
Composição e impressão—IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

SUUM CUIQUE...

Quando tudo isto parecia subverter-se n'um mar d'indignidade, quando tudo resvalava n'uma pendente terrivel, para esse charco immundo que se chama—a reacção—, quando todos n'uma indifferença mais do que criminosa - indigna—escorregavam de tal fórma e com tanta falta de caracter que a figura deslumbrante da Liberdade corria o risco de sujar as suas vestes puras no lodaçal reaccionario deixando cahir a sua bandeira nas mãos dos inimigos negros, uma voz vibrante, digna, auctorisada se levantou a acordar os liberaes portuguezes!

Tão heroico, tão vibrante, tão sympathico foi o grito d'essa voz que echoou em todo o paiz e reuniu em volta de si na sua capital cem mil pessoas que n'uma ultima tentativa deram, ainda pela estrada da legalidade, os seus primeiros passos para as suas justissimas aspirações.

Pouco pedem. Apenas que se cumpram as leis promulgadas pelos partidos tradiccionaes d'uma monarchia que tanto teme a Liberdade que ainda tem na taboleta—e apenas n'ella—o rotulo de liberal; apenas que se glorifiquem os vultos eminentes dos partidos progressista e regenerador de que elles se orgulham e não seguem nem honram, que foram o Duque de Loulé, Braamcamp, Passos Manoel, Aguiar e tantos outros.

Esses partidos já ha muito renegaram esses nomes e sobretudo as suas obras, e bandearam-se na sua maior parte com os reaccionarios.

Temos, pois, apenas dois partidos: o d'aquelles que sem distincção de côr politica defendem a Liberdade que custou a vida e o sangue dos nossos avós e deu o throno ao actual monarcha, e os que, tambem sem distincção de côr politica, defendem a reacção.

Estão extremados os campos.

* * *

A voz que se ergueu altiva e nobre, conscenciosa e pura, serena e arrogante, foi a do dr. Miguel Bombarda!

Quem é elle? Não o sabereis vós, portuguezes; mas perguntae nos centros scientificos do estrangeiro onde apenas o talento real conquista um nome, e lá vos dirão que é uma estrella de primeira grandeza que brilha intensamente no firmamento da Sciencia. Perguntae a todos—mesmo aos seus inimigos—baixinho e ao ouvido e elles dir-vos-hão: é um caracter impolluto, uma alma grande, um homem de consciencia e de saber. E' um homem que tem levado uma vida inteira de trabalho probo e cujo nome glorioso assenta na base solida e segura da conquista e nunca do favor, que tem dividido os seus esforços pelos seus doentes e pela defeza da Liberdade!

Pois é este homem que por nobre e *coherentemente* a defender que mereceu as iras d'um jornal do districto que o accusa de dizer *disparates* (sic) e o manda para Rilhafolles; e o peior é que, infelizmente, um jornal local d'isso se faz echo, levantando contra elle verdadeiras falsidades.

Nós não vimos defender o dr. Bombarda; seria isso mais do que inutil, ridiculo. Nem ainda podemos descobrir a necessidade de o fazer.

Vimos apenas ao jornal do districto dizer que não deprime o dr. Bombarda mandando-o para Rilhafolles de que elle é o competentissimo director e que é campo vasto para revelar os seus profundissimos conhecimentos scientificos. Vimos dizer-lhe que Rilhafolles não deprime ninguem: nem quem lá vive como medico, nem como doente. Vimos dizer-lhe que se lá estão muitos idiotas, ainda lá não estão todos os que deviam estar, porque nós não temos ainda, infelizmente, hospitaes para todos.

Quem quer rebaixar alguem por processos tão mesquinhos, consegue apenas exalçal-o.

E tudo porque o dr. Bombarda disse n'um comicio—onde não era deputado mas cidadão—que d'um lado tinha o povo contra si a Egreja e do outro a *Monarchia!*

Não será verdade? E de quem é a culpa?

Não é esta a primeira lucta que ha seculos a esta parte, o povo portuguez sustenta contra a Egreja reaccionaria; nunca a corôa desceu á lucta tão ostensivamente como agora.

E porque se metteu na contenda não é já um poder extranho, mas um adversario mais a combater.

Não é a culpa do regimen politico, porque ha monarchias anti-clericaes e republicas sob a garra da reacção—a Inglaterra e o Paraguay; a culpa é das pessoas. E n'esta lucta ou se é abertamente pela Liberdade ou abertamente contra ella.

Dizem unisonamente os dois jornaes que o dr. Bombarda atraiçoou o povo d'Aveiro que *o elegeu!*

Fóra, presumpçosos!

O povo d'Aveiro não elegeu ninguem; deixem-se de phantasias e ficções.

Ninguem! Quem os elegeu foram 3 votos apenas: Ferreira do Amaral, José Luciano e *se foi ouvido*, Conde d'Agueda. *Absolutamente mais ninguem*, bem o sabem.

Dizer que o dr. Bombarda atraiçoou os seus *eleitores d'Aveiro*, faz rir apenas.

E' absolutamente falso dizemol-o ao collega local que elle mendigasse uma candidatura.

Elle é que foi sollicitado como *amigo pessoal* de Ferreira do Amaral, para acceitar uma das candidaturas que a magnanimidade dos chefes rotativos lhe *offereceu*. Reservou desde sempre a mais completa liberdade d'acção fóra dos assumptos politicos e declarou o logo no parlamento.

Nunca atraiçoou o seu chefe se tal querem chamar ao seu amigo Ferreira do Amaral e d'extranhar é que os dois jornaes esqueçam que este mesmo declarou bem alto na Camara dos Pares que a reacção se aninhava no Paço Real e que elle —*o 1.º presidente de conselho do actual rei*—desembainharia a sua espada a favor da Liberdade e contra a reacção, quaesquer que fossem as consequencias!

O dr. Miguel Bombarda incoherente e traidor!!!

Se a elle chegasse esta voz, rir-se-hia. O que o magôa certamente é dizer-se que elle foi *eleito* (ah, ah, ah!) pelos *eleitores* do circulo d'Aveiro.

E crêmos que elle lamentará não ter para quem o diz, um quarto vago no seu Hospital.

Carvalho de Souza.

OS JEZUITAS

Ha trez seculos que dous frades de um instituto novo, chamado a Companhia de Jesus, entravam sózinhos em Portugal. Um d'eles abandonava logo este paiz para atravessar o oceano e ir embrenhar-se entre as gentilidades da Asia. Ficou o outro. Foi o que bastou para nucleo de uma associação, que em breve dominou tudo. A mocidade é amiga de novidades. Mancebos saídos do seio das mais nobres familias, outros nascidos entre o povo e entre a burguezia correram a alistar-se no gremio nascente, ao passo que os reforços estranjeiros chegavam pouco a pouco. Vinham, dizia-se, moralisar o paiz e instruil-o pela relijião. Homems de estado conspicuos, a Universidade de Coimbra, a parte mais ilustrada da sociedade era-lhes adversa, e fazia sinistras predições, que o tempo se encarregou de justificar. O podêr, estava, porém, nas mãos do fanatismo, da hipocrisia, e sobretudo da imbecilidade intelectual. A liberdade da palavra, a liberdade do pensamento escrito, a liberdade de associação não existiam. Ponderavam-se os fins tão uteis do santo instituto, o bem que tinha feito fóra do paiz, como por toda a parte o acolhiam. As relutancias, estereis porque sem necso, esmoreceram e calaram-se. A instituição estranjeira venceu, enraizou-se, dilatou-se e dominou. A historia politica, social e literaria do paiz durante duzentos anos está ahi para responder aos que perguntarem quaes foram os rezultados da influencia incontrastada e incontrastavel dos jezuitas.

Este exemplo memoravel e de triste recordação domestica deve sêr inutil para nós? As apreensões atuaes serão menos justificadas do que as dos homems instruidos, sizudos e experientes do meado do seculo XVI? Ha quem diga que sim; ha quem pense que a historia serve só para pasto de uma curiozidade van; quem suponha que as leis da humanidade não são sempre as mesmas; que onde se derem causas identicas não se hão de repetir os mesmos effeitos. Deploremos a intelijencia dos que assim pensam. Dizem-nos que o espirito das congregações relijiosas é diverso do que foi; que ellas não exercem a perniciosa influencia que exerceram n'outras epocas, ao passo que podem sêr grandemente uteis á ilustração e á moralidade. Afirmam-nos que é precizo retemperar os antigos instrumentos de relijiozidade para os opôr á irrelijião do indeferentismo que invadiu as sociedades, e para fortificar o elemento cristão, unico que póde combater com vantajem os delirios das novas escolas que põem em questão a propriedade e a familia, principios vitaes da existencia civil. A educação, dizem-nos, está fóra da esféra dos partidos: educae e instrui só por educar e instruir, e não cureis de sabêr qual será o destino politico das novas gerações. Ensinae-lhes os elementos da intrução jeral, a relijião e a moral, de modo que depois se adaptem a todas as fórmas de governo, a todas as situações da sociedade.

Diz-se isto, escreve-se, proclama-se. Os que assim falam são os reaceonarios ocultos, os transfugas do campo liberal, e tambem aqueles que devemos considerar como suas vitimas, os que se deixam iludir pelos sofismas d'esses homems de trevas, que não tendo a nobre ousadia de declarar lealmente que abandonaram os seus estandartes, caluniam a liberdade para a traírem sem traírem os proprios intuitos, e sem sacrificarem os proventos que lhes rezultam da sua suposta permanencia nas fileiras em que andavam alistados. Comparada com a linguajem d'estes, a dos reaceonarios puros é nobre, porque é franca e sincera.

O mal, na sua opinião, não consiste nas aberrações do liberalismo; consiste no proprio liberalismo. As doutrinas liberaes conduzem lojicamente, forçadamente, os povos aos desvarios anarquicos, á negação absoluta da ordem social. E' precizo restaurar o passado nas fórmas mais absolutas, nas maximas extremas da egreja e do estado; expunjir todos os acsiomas, todas as ideias de progresso civil e politico dos ultimos dez ou doze lustros, todas as instituições d'ahi derivadas. Os progressos materiaes d'este seculo são aceitaveis: nada mais. O molde social novo cumpre quebral-o, repondo as sociedades no antigo, unico em que podem salvar-se.

Entre este partido e o nosso está dito tudo.

Somos radicalmente adversarios.

Alexandre Herculano.

A comissão de inquerito aos adeantamentos á casa real apurou que, sob esse titulo graciozo, tinham recebido de «mão beijada» D. Carlos e real familia cinco mil duzentos e trinta e dois contos de reis. Mas, para se continuar no sistema «real» de contas de saco, inventa-se uma transparente e nojenta historia de rendas de palacios a deduzir na importancia da «trampa» dos adeantamentos; como se os palacios feitos pela nação e em todas as despezas custeadas pelo seu dinheiro devessem rendas... ao rei! Escamoteação de ciganos, encontra a consciencia publica insensivel ás suas manhas; não engana, não abala a convicção popular. Cinco mil duzentos e trinta e dois contos de reis subtraidos n'um só reinado, pelo apetite feroz d'uma só familia!... E inda a procissão vem no adro; ainda isto é, simplesmente, o primeiro capitulo de um julgamento de bandoleiros. Cinco mil duzentos e trinta e dois contos de reis... e continua!

ECHOS DA SEMANA

Falta de numero

Sessões sobre sessões o parlamento não funciona por falta de numero de paes da patria. Têem

eles um empenho por hi álem em fazerem trabalho util, elucidados como estão sobre as dificuldades e espinhos da hora má e sombria que atravessa a sociedade luzitana... vá em frazeado de conselheiro. Mas como os calores apertam que é de torrar um cristão, e como nas praias, nas termas, nas quintas, se póde andar de quinzena e de camizeta burgueza aspirando as brizas fresquinhas, os snrs. deputados, muito patriotas ó, uns sacrificados! vá de fujirem do parlamento para os seus ocios veraneantes.

As sessões que esperem para o inverno, que as leve o diabo, diz para os seus botões o membro da maioria, e o pivete do bloco. E, no fim de contas, quando se vir a esterilidade do parlamento facil e bom é o remedio: acuzar os republicanos. Nada se faz... é d'eles a culpa. Está-se mesmo a vêr.

Foi por cauza d'eles...

Angola

Vae um côro de protestos violento, por toda a vasta provincia, contra a administração .. da metrople—uma que tambem Deus sabe o que gritaria se para tanto tivesse forças.

Fala-se em Loanda feio e alto, e vae levedando a ameaça d'um movimento separatista.

A verdade é que a colonia tem sido sacrificada á fortuna de meia duzia de devoristas e á inepcia da maior parte dos administradores de lá e do Terreiro do Paço, e, cazo retorcido, a metrople tambem tem levado sangria de ferver com a admnistração da colonia. Mas lá não se quer saber de lamurias e atiram-nos com telegramas da força d'este que os diarios inseriram:

«Loanda. Na reunião de todo o comercio realizada hontem, delibe rou-se por unanimidade suspender todos os pedidos de orijem nacional incluindo os vinhos, cujo ultimo embarque será em 7 de setembro.»

O governo faz as asneiras, os «coloniaes» lambem os beiços, o rejimproteje e cria toda esta fermentação de bandidos e quem paga as custao do pleito é o lavrador, é o induss trial, é o comerciante.

...«Esta é a ditoza patria nossa amada.»

«A Luz do Operario»

Transcreveu este nosso colega a «Carta a um padre» d'um dos ultimos numeros da nossa folha, acompanhando o extrato de amaveis e penhorantes referencias que agradecemos.

O jury

O snr. Medeiros, ministro da justiça, vitima da falsa acuzação de liberal é d'uma psicolojia muito ratona nos relatorios dos seus projectos de lei e complementares propostas. No projecto sobre «Lei de imprensa» falando da seleção para uma boa formação do jury tem considerações de morrer a rir; funambulescas, assim:

«E' certo que as estatisticas ainda não chegaram ao aperfeiçoamento de aprezentar em algarismos a moralidade de cada individuo, mas tambem é fóra de duvida que ela não deve andar muito afastada da ilustração, dos meios de fortuna e da posição social; que dão em regra, independencia de carater e obrigam moralmente ao respeito pelos outros e ao proprio respeito».

Honradez, independencia, ilustração, moralidade, como o corno da abundancia, caem sobre os felizes da sorte. Sobre os pobres, os sabios sem diploma, os de honestidade absoluta sem rendimentos, nem sinecuras, é uma peste de poucas vergonhas. Honra pois aos grandes. Jury composto por Eles.

E nós a *vel-os* . . lejião de escrocs, de subservientes, de matulões sem uma polegada de seriedade e sem um vislumbre de ilustração nas suas *pastas* de *protejidos*; nós a *vel-os* tão velhos como a maldade e tão podres como *o seu mundo*... Este snr. Medeiros! Este liberal! Para os processos crime dá-nos uma portaria que escorraça do jury todo o cidadão não catolico—obra aceitavel n'um jezuita; e para os delitos de imprensa propõe-nos o jury dos «homens bons» escolha soprada, provavelmente, pelos patifes bons da bancocracia.

E' ter topete p'ra coisa.

O mastodonte

Continua no seio da comissão a peça d'artificio a que se dá o nome vulgar «o orçamento»; peça de que o contribuinte tem um conhecimento completo, ezato, serio pelos tributos que paga nas repartições de arrecadação dos impostos. O parlamento tem de virar de fóra para dentro o mostrengo, de lhe catar os recessos, as *portas falsas* onde se abriga a dedicação dos monarquicos, as *gavetas de segredo* onde se elaboram... as forças vivas da coroa. Hade aparecer á ultima hora, quando o cançaço e uma enervação natural tomam de surpreza os vijias, e para não matar o rebanho dos deputados será lido ao correr do pelo e discutido a mangar com a cara séria... por fóra. Depois de cara alegre, pagal-o ha o Zé macambuzio, um desgraçado que fulo e negro, por dentro, arma um sorrizo e uma cara doce para o recebedor não ralhar. O orçamento, o imposto... Muito ele custa a ganhar e muito bem o somem do erario os clavicularios adeantadores.

O blóco

Teima o «Jornal d'Ovar» em affirmar a existencia do blóco

E' de pau o cópo
E' de pau e bem bonito
E' de pau... e tenho dito!
E' a historia.

Tira as conclusões que quer e como quer o que confirma o anexim de que não ha maior cégo que o que não quer vêr, nem maior surdo do que o que não quer ouvir.

O assumpto já por certo enfastia e só a elle voltamos para que se não tome o nosso silencio como acquiescencia ás affirmativas do «Jornal».

De tudo se deduziu o seguinte:

1.º Que o snr. administrador não comparecia na sua repartição antes da reclamação de «A Patria».

2.º Que tão extraordinario foi o seu apparecimento lá depois da reclamação que o «Jornal» querendo sêr o primeiro a dar a sensacional noticia a mandou pelo telegrapho.

3.º Que depois da reclamação elle lá tem ido sempre.

4.º Que ha grande variedade d'ossos. De roêr, d'engasgar, de sentir, invisiveis e impalpaveis segundo a classificação do «Jornal».

Nada conhecemos do assumpto—ossos—deixando-o pois aos especialistas. Só os taes *invisiveis* nos fizeram lembrar o snr. administrador antes da nossa reclamação, apenas por o titulo...

E por nossa parte pomos ponto no assumpto sem mais responder a elle. Falle o collega se quizér. Mas não podemos ficar como as cigarras em julho, n'uma eterna cega-réga. Tem a palavra o collega.

Mario Cunha

Uma tuberculoze prostrára-o de vez ha uns mezes, e ante-hontem, ralado de mil agonias, o pobre Mario morreu. Vimos de acompanhal-o lá abaixo, áquela morada torva onde se descança; onde, ai de nós! os fracos, os torturados e os parias d'uma intoleravel má sorte, pela primeira hora—a infinita cessam de sofrer o destino. O moço, o penetrante camarada das nossas iluzões d'inda ha pouco!... Como tão depressa as perdeu á lividez do seu diagnostico ferreo e como, agora, calado e rijido, ele vem, volteia, no nosso espirito! Foi inda hontem que nos apartámos, e ainda quente o aperto de mão trocado vimos achal-o na cova! Ele o lucido, o sereno amigo que antes, talvez, da doença, mal chegou a sentir a vida... o que ele padeceu, dia a dia, nas horas negras do desengano... O pobre Mario! O nosso tão descarnado amigo!

A FREIRA

Por uma noute aziaga a aldeâ tremente
deixando atraz de si o lar rustico, quente,
abandonou a aldeia, os paes, a vizinhança;
as memorias nataes, suaves, de creança.
Deixou-os, disse ao mundo o seu adeus de jelo,
e abrazada em fé e transportada em zelo
fujiu para o convento e fez-se monja escura.
Lá dentro era peor que a muda sepultura,
lá dentro era o deserto, a solidão, o frio;
a Regra: um petreo andar hieratico, sombrio,
a penitencia: um horror de misticos pavores;
os cilicios, a prece, a aflição, as dores!
Anos, anos—sem fim; horas, horas—sem termo;
o coração lhanado, o pensamento enfermo,
e paz na alma ó dôr! nem um momento só!...
Sempre o temor, o luto, a agonia, o dó!

Entrou nova p'ra ali mas, cedo, envelhecera
ganhando a côr da morte a triste côr da cera,
arrastando na cela a carne dolorida;
as revoltas do sangue, as tentações da vida
quantas vezes jemera e quantas noutes, louca,
se abraçára á cruz e sucumbira rouca
nas lajes, ao clarão da baça lamparina...
é que era fraca, era mulher, era franzina!
Ah! tivera vizões, sonhos, reminiscencias,
aparições de outrora, espasmos, incoerencias;
e Cristo, um morto nu, inerme numa cruz
nem sempre a aliviava, o irreal Jezus.
De fora vinha o som, chegavam os aromas,
irradiava a luz;—misteriozas somas
de uma existencia clara, edenica, fecunda;
e a terra, em derredor, florida, era jocunda.
Um chalrear de ave, um ninho... era a tontura,
um rapagão, uma rizada... era a tortura;
pobre viver cativo em ritos de mutismo,
sob a alucinação, a acedia, o iluminismo:
duro viver de *cousa* entregue a uma ilusão
que comprime, retráe, resseca o coração.

O convento é soturno, vasto e tenebrozo.
De lonje, o seu aspecto, é agressivo, odiozo;
lembra a prizão, a *morgue*, evoca o subterraneo
e a superficie nua e tabida de um craneo.
Adora-se ali Deus—contemplativamente
n'uma inercia pezada, aberrativa, doente;
sacrifica-se ao ceu n'um pretendido escol,
banindo a humanidade, emparedando o sol;
expulsando a alegria e castigando o amôr...
E' assim servir a Deus!... ó monstruozo horror,
ó loucura feroz que ordenas o martirio,
ó inquizitorial, vesanico delirio!
Não te conhece o horror, não vê o teu vazio
a freira cabisbaixa e em arroubo pio;
não conhece, não vê... mas, ah!, algumas vezes
com o espanto, a dôr, de atraiçoadas rezes
presente, obscuramente, o engano irreparavel;
ou sonha que ha melhor e bem mais amoravel
no destino das mães e no dever da filha.
E ás vezes, alta noute, o seu olhar rebrilha
dilata-se de magoa e chora, lentamente,
o tempo que lá vae, os paes, o irmão auzente.

Aquela nunca mais lavou no claro rio,
nunca mais repouzou, pelos calores do estio,
á sombra do telheiro ao pé do qual cresceu;
nunca mais afagou o seu fiel lebreu!
Esqueceu-lhe o cantar, as joviaes rizadas,
as danças, no eirado, apoz as esfolhadas,
as jornadas no pó, ao sol, p'rás romarias,
o trabalho campestre, a enxada, as correrias
pela herva orvalhada e cheia de perfumes...
Nunca mais avistou os caroaveis lumes
que se acendem na aldeia, á noute, ao vir da jorna;
nunca mais se assentou sobre a lareira morna!

Agora, amortalhada, é um espetro, um nada.
Anda de branco—um branco emblema de enterrada.
E' a ficsidez de um mecanismo a sua vida,
sem liberdade, sem ação—sempre oprimida;
sempre medroza, vendo o diabo em cada flôr;
sempre passiva, aos pés d'um monstro, o confessôr.
Fios de prata correm-lhe pelos cabelos,
não teve *alguem*, não viu jamais os seus anelos,
vejeta mal no enfado rispido, na reza;
e aspou o nome de familia... que tristeza!
E' assim, no mundo, um tronco solto das raizes;
um ramo só, no turbilhão... E' de infelizes!
Na aldeia os paes choram-na ao lume—ó velha dôr!
E no convento, sob a jeada, onde o calôr?...
Onde a ternura, as confidencias, o carinho...
se a sala, nua, é desolada p'ra sêr ninho?!
Onde o dormir de quem lidou o dia inteiro
ao sol, ao vento,... ali, ó dôr! é o cativeiro:
e orar nem sempre é um refujio divino...
Sôfre-se ali... Pena-se ali... Negro destino!

Antonio Valente.

Pr'a inglez vêr

Já se joga desaforadamente a rolêta e a batotinha em Espinho.

Era a consequencia da prohibição terminante do jogo feita ha dias pelo snr. presidente do conselho.

Está certo!

O governo tremeu a sezão...; deram-lhe o *quinino* do costume e a coisa passou e inglez já viu.

Do Brazil não vem só dinheiro; veem as vozes de comando da **tropa:**

Fá qui não jóga, má jóga, minhá gente!

E tudo cumpre, militarmente!

Adivinhamos, collega «Discussão»!

ARA

Vou sobre o oceano (o luar de lindo enleva)
por este mar de gloria, em plena paz.
Terras da Patria somem-se na treva,
agoas de Portugal ficam, atraz.

Onde vou eu? Meu fado onde me leva?
Antonio, onde vaes tu, doido rapaz?
Não sei. Mas o vapor, quando se eleva,
lembra o meu coração na ancia em que jaz.

O' Luzitania que te vaes á vela!
Adeus! que eu parto (rezarei por ella)
Na minha *Nau Catarineta*, adeus!

Paquete, meu paquete, anda lijeiro,
sobe depressa á gavea, Marinheiro,
e grita. França! pelo amôr de Deus!

Antonio Nobre.

A FERRO E FOGO

Ha dias, na quietude e na parranice d'este nosso viver portuguez, caiu como um bolido em chamas um artigo de Marinha de Campos na «Luta». «Guerra Civil» intitulado, revelando no meio do jeral assombro um plano de... governo monstruozo. Contemos. Prepara-se surda, tenebrozamente, um movimento ferino de retrogradação monarquico-clerical, movimento que pela fatalidade das couzas, para vingar, deve, antes de mais nada, esmagar e destruir os republicanos; dar caça ao sentimento liberal. Para ir, segundo uma locução popular adquada, fazendo a cama aos seus inimigos, a monarquia distribue pistolas de repetição automatica á municipal e á policia, (essa parte do plano está já em completa realização, estando armada de taes pistolas, no Porto, a cavalaria da municipal) prepara-se para licencear alguns corpos de exercito de duvidoza lealdade, como a armada, e entrega os postos superiores e os comandos dos rejimentos a pessoal seu, autentica e furiozamente antidemocratico. Conta o governo para dentro em pouco com uma revolução republicana em Lisboa, formidavel, para depressa subjugar os defensores do regime, e como sabe, ou prevê, que a capital vença a policia e a municipal, prepara, cuidadozamente, a fuga do rei que virá assentar arraiaes no norte proclamando a cidade do Porto capital do reino e d'aqui organizando exercitos para atacar e vencer a grande cidade revolucionaria. Para tanto, se precizo fôr, mendigar-se-ha uma intervenção de estranjeiros que nos imponham, como donos, uma determinada condição de existencia politica, e não faltará, supõe-se nas altas esferas, quem defenda a monarquia, quem nol'a imponha, por merecimento e virtude .. das colonias que se podem alienar em paga. E' claro que o plano, a *pavoroza*, não recorre á guerra civil na sua expressão mais terrivel para, em qualquer parte que seja, desde que ahi cheguem as suas garras, deixar em descanço os republicanos, mesmo os timidos, mesmo aqueles que por covardia recuem da luta suprema que se ferirá; não, a *pavoroza* limpará da «canalha» o paiz inteiro, ninguem escapando; conforme, de resto, já o expressam ha muito os desejos negros da reação.

E' pois a destruição radical, a ferro e fogo, do republicanismo, e de tudo quanto apareça suspeito a um trono jerido por uma sociedade exploradora, de politicos saqueadores e de padres jezuitas.

Como os ares do sul lhe não se-

jam propicios será das provincias do norte que se organizará a «cruzada»—certos padres já assim lhe chamam e.. acertam os reverendos:—será por tanto do norte que o altar e o trono, unidos para a chacina, farão o seu campo de provizões. Será isto uma fantasmagoria terrorista, inexequivel; será um sonho máo de certos politicos a quem o dominio foje e o querem salvar, custe o que custar; ou será como Marinha de Campos aventa e como os factos indicam um plano definido e determinado de defeza desesperada e furiosa do trono?... Quem o sabe está caladinho, e com uma manha labrega, de bacharel de lareira, vae fazendo o seu jogo e lançando as redes.

Pelo sim, pelo não, e visto que homem prevenido vale por dois, é bom que os republicanos o vão sabendo e incluam esse desfecho no taboleiro onde se jogam os destinos da terra patria.

Teem os republicanos do norte de se prepararem, de se disporem em organização, assaz forte para evitar o horrorozo desfecho d'uma luta civil de portuguezes contra portuguezes. Têem de estar preparados para todos os sacrificios, para todos os actos de audacia, de decizão, de firmeza. A monarquia quer tornar as nossas provincias em campeões da sua cauza mizeravel, embevece-a a esperança de que o homem do norte ingenuo, ignorante, frugal e infatigavel se transforme, por sua honra, em carrasco da parte consciente e esperançoza do seu paiz. Pois custe o que custar é indispensavel que assim não seja.

E para isso contem os republicanos, unicamente, com as suas forças. E elas chegam.

O que é urjente é aproveital-as; estabelecer entre todas elas a coezão e a converjencia.

Pereira Dias

Como ha tempos noticiamos encontra-se no Furadouro veraneando na sua linda *vila* «Paraense» o prestante e respeitado cidadão, nosso querido amigo, comendador Manoel Pereira Dias. Havia a direcção do Centro Escolar Republicano de Ovar deliberado cumprimentar, á sua chegada a esta vila, o distinto republicano livre pensador, saudando-o pelos beneficios que a cauza da instrução, do progresso, entre nós, relevantemente, lhe deve. Motivos de força maior impediram que essa vizita se realizasse imediatamente, na sexta feira, porem, com reprezentantes do Centro e da Comissão Municipal foi cumprimentado o nosso querido amigo. No mesmo momento foi lhe prezente uma mensajem de saudação da Directoria do Centro, mensajem que extratamos, e que é o seguinte:

Illustre cidadão

«Tendo conhecimento da vossa vinda para esta vila, e desejando expressar-vos o quanto vos são devedores os republicanos de Ovar, deliberou a Direção do Centro Escolar enviar-vos esta mensajem de boas vindas e, por delegados seus, ucmprimentar-vos, agradecendo o que vos devemos no vosso auxilio á nossa modesta obra da instrução popular.

Recebei cidadão Pereira Dias a homenajem da nossa consideração sincera, e a do nosso respeito pelos vossos actos civicos altamente uteis e dignificantes».

Esta saudação é bem um acto de justiça social, de reconhecimento pelo valor, pela beneficencia. Pereira Dias, verdadeiro adorador da sua terra, campeão autentico do seu avance, tem procurado, sempre, com jenerozo e incansavel animo dar relevo e notoriedade ás ideas que nos irmanam n'um mesmo credo e n'um mesmo ideal. Ele não tem descançado na nobre e fecunda faina e, ainda agora, a sua prezença, a sua boa vontade, a sua fé, são um estimulo vivificante.

E' um lutador que não cede, um homem de bem que não terjiversa, por isso foi de todo o ponto justa a afirmação de homenajem que ao nosso nobilitador conterraneo, ao nosso intemerato decano do livre pensamento, foi sinceramente dirijida por reprezentantes das agremiações republicanas d'esta vila. Este jornal associa-se, absolutamente á simples mas expressiva manifestação, saudando no nosso querido conterraneo toda uma vida de trabalho e devoção civica, n'um coração diamantino.

CHRONICA AGRICOLA

XLVIII

Vinicultura

Começam os cachos brancos a aloirar e o *pintor* trabalha sem descanso nos cachos tintos, começando já a lembrar os trabalhos proximos da vindima.

Por isso é conveniente lembrar alguns preceitos que devem ser rigorosamente seguidos por quem pretenda fazer bom vinho e que se segure bem.

O primeiro e mais essencial preceito é o d'uma *rigorosa limpeza e do maior aceio* em todo o material, que tenha de servir á vindima, á piza e ao envasilhamento. Da falta d'ella deriva muitas vezes defeitos e doenças difficeis e porém sempre possiveis de debellar.

A casa do lagar ou onde estejam os balseiros deve ser cuidadosamente caiada bem como a adega e os proprios balseiros e lagar bem lavados á escova. Egualmente se devem lavar muito bem as cêstas vindimas, os cêstos de transportar a uva e as dornas que andam sobre os carros.

Deve haver o maximo cuidado nos tonneis e vasilhas que hão-de receber o vinho, os quaes podem ter varios defeitos em geral devidos ao pouco cuidado de seu dono.

Sempre que se esvasie qualquer vasilha deve-se lavar muito bem, com o cadeado quando seja possivel e com escova nos tonneis. Depois deixa-se enxugar *completamente* e em seguida lança-se-lhe dentro fumo d'enxofre por meio d'apparelhos proprios ou pela queima da mécha.

Fazendo isto ha a certeza de ter sempre as vasilhas sem defeito, bastando apenas se ellas estão muito tempo vazias dar-lhe um aperto aos arcos, ou um suadouro para receberem o liquido.

Eu sigo a pratica de pouco antes da vindima dar a todas as vasilhas um suadouro d'agua salgada com um punhado de sal commum, lavando em seguida a pipa duas ou tres vezes com agua fria limpa.

Deitando o fumo d'enxofre com a vasilha humida, esta ganha defeito.

A vasilha nova póde ter o gosto ou *saibo a madeira* sobretudo quando essa madeira não é muito propria para a construcção de material vinario ou quando tenha sido cortada fóra de talhada ou não esteja bem sêcca.

Trata-se com um suadouro energico d'agua salgada, e ha quem o dê com môsto ou vinho a ferver; em seguida depois de fria lança-se-lhe dentro um pouco de vinho ou o que é melhor, d'aguardente. Se fôr necessario repetir-se-ha o suadouro.

Nas vasilhas já servidas apparece o *môfo* ou *vazio*, em geral causado por ter ficado mal enxutas ou sem abatocar durante algum tempo, e o *pico a vinagre* proveniente de ter sido mal lavada ou de se ter avinagrado o vinho que ella continha.

Em qualquer dos defeitos é urgente o tratamento sendo um erro suppôr que o pico a vinagre não é tão perigoso como o môfo.

O tratamento consiste em as méchas ou sulfurar energicamente se o defeito está em começo. Além d'isso póde usar-se a queima d'aguardente dentro da vasilha e como remedio mais efficaz as lavagens com lixivias de cal ou soda, e até o queimar a parte interna das aduellas ou aplainál-as.

Acontece ás vezes que á mécha não arde o que se conhece mettendo por a gargaleira um phosphoro acceso que se apaga immediatamente; é devido a que os bolóres formados absorveram o oxygenio que existia dentro da vasilha e assim está um gaz incombustivel.

E' necessario então renovar o ar por meio d'um folle, mechendo em seguida.

Mesmo os mais inexperientes conhecem pelo olfato qualquer dos defeitos apontados como conhece quando a vasilha está boa porque tem um cheiro vinoso, agradavel, lembrando mesmo o do vinho fino; n'estas o phosphoro arde sempre quando mettido por a gargaleira.

Como muitos vinicultores fazem vinho tinto e branco e luctam com falta de vasilhame, acontece vêrem-se na necessidade d'aproveitar o de vinho tinto para o branco, o que lhe põe uma côr detestavel. Convém pois tratál-as e d'entre os processos indicados um ha que o «Lavrador» indica e dá bom resultado.

Tira-se o sarro se a vasilha o tem e em seguida lava-se toda a parte interna com agua contendo 5 % d'acido chlorydrico, usando escova rija. Depois lava-se com agua limpa e a seguir com uma solução de permanganato de potassa a 1 % isto é um kilo para 5 almudes novos d'agua o que chega para 20 pipas, conservando-a 24 horas.

Lava-se novamente muito bem com agua limpa e depois de sêcca sulfura-se energicamente.

* * *

Carta de Luzo

(Impressões dum vadio)

Luzo é um extranho jardim zoologico.

Se Darwin, o grande inglêz, uma vez por aqui tivesse estroinado em agosto, certamente encontraria esse casal de bichos que falta a marcar a lenta evolução do macaco para o homem.

Ha aqui de tudo. Esguias *canastras*, magras como bacalhaus da Noruega, todas desnalgam as anquinhas postiças num caminhar meudinho de gallinha côxa e matrônas pesadas, d'olhos papudos e discretos, passeiam, como giboias bem jantadas, a sua obesidade fecunda pela sombra bemdita destas carvalheiras seculares.

Ha brazileiros cachaçudos, com o ventre constellado de brilhantes caros, que palram como hespanholas salerosas, comendo como frieiras bravas e não rareia o conselheiro discreto, arthritico ou neurasthenico, que falla como um oraculo e pensa como um philosopho caréca e myope.

A belleza tem escalas. Vae subindo, lento e lento, desde a fuça simiesca, negra, boçal, incaracteristica, até ao morêno espiritual das mulheres andaluzas. Ha caras sinistras de forçados e galerianos e olhos inexpressivos de parvos alegres.

Pelas noites mórnas, lyricos poetas a tresandar a verbêna e a distillar mercurio, rebolando as pupillas em lubricos arrobamentos, congeminam femininos sonetos p'ras tombas dum salsifré e fadas de contrabando vagabundeiam a frescura duvidosa das suas carnes polluidas na sombra alcatifada de caminhos ingenuamente onzeneiros.

A matta vive a vida das coisas mudas, cheia de mysterios indefiniveis, ondulando ás meigas caricias da viração, como electrizada por aquelle extranho e febril beijar. Na paz funebre da noite, pelas horas mortas, ouvem-se as fontes chorar saudades dos frades e pelos caminhos, por entre a relva calcanhada, as pedras taramelam indescripções de noivos, gargalhando dos seus ciumes, dos seus sonhos e dos seus arrufos. Mas a vida volta com o sol e com o gorgear dos passaros nas suas demoradas cavaqueiras d'amor e aquellas fontes espelham então os focinhos desta babel de gente e aquellas almas, que vivem nas plantas, sentem-se amachucar pelas botifarras plebeias de snobs hypocondriacos.

As pedras, de trunfa desgrenhada, riem tragicamente da vaedade do «homo sapiens» emquanto vae subindo de toda a banda, no azul serêno do ceu, um hymno triumphal á natureza eterna e santamente fecunda.

Em baixo a vida é o plebeismo de cada hora, arrotando aristocracia d'almanach.

Cada qual espartilhado no protocolar convencionalismo, procura intrujar o similhante o mais que póde.

Uma menina catita, com phrases sabidas de confeiteiro e perfumista, leilôa-se a recitar o noivado do sepulcro e um pomadinhas de calças ás riscas, a estoirar de ridiculo e burridade, assoalha as tibias para catrapiscar o par.

E eis Luzo nesta canicula.

Roberto Trigueiro.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Partiram para Luso os nossos amigos Antonio Zagallo dos Santos e Joaquim Ferreira da Silva.

Dr. Mario Cunha

Em pleno vigor da mocidade e quando a vida lhe começava a sorrir ante uma carreira distincta, desappareceu do numero dos vivos o nosso bom amigo Dr. Mario Pereira da Cunha, intelligente alferes medico do exercito.

Victimou-o a terrivel tuberculose que ha uns mezes lhe vinha minando a existencia, exhalando o derradeiro alento na madrugada de 17 d'agosto.

O finado que aliava á sua intelligencia e capacidade profissional um bello caracter e uma boa alma era filho do snr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa, e irmão dos nossos amigos dr. Salviano e Antonio Pereira da Cunha.

O funeral do desditoso mancebo effectuou-se no mesmo dia ao anoitecer, tendo selecta assistencia.

A chave do feretro foi entregue ao snr. dr. Amaral, collega do finado, toalha dr. Pedro Chaves e bonet e espada dr. Soares Pinto, presidente da camara.

Organisaram-se varios turnos para as borlas do athaude, sobre o qual foram depostas algumas corôas respectivamente do pae, irmãos e tia e um bouquet offerta d'uma creada.

A' familia do saudoso dr. Mario Cunha, a expressão do nosso sincero pezar.

Rifa

A rifa da valiosa salva de prata, que uma commissão de senhoras promoveu em favor do cofre da Misericordia, realisa-se hoje pelas 5 horas da tarde no Theatro d'esta villa, tendo n'elle entrada os portadores de bilhetes.

Exames

Os exames do 2.º grau de instrucção primaria a que se está procedendo na escola official do Conde de Ferreira d'esta villa, teem dado o seguinte resultado:

Dia 5—*Approvadas*: Elisa Rodrigues de Sá, Isilda d'Oliveira Costa, Eduarda da Silva Palavra e Ignez Lopes de Castro e Silva (distincta).

Dia 6 — *Approvadas:* Manuela Fragateiro de Pinho Branco (distincta), Maria da Ascenção Janeiro, Maria Dias de Carvalho e Maria Etelvina Anapaz de Magalhães.

Dia 7—*Approvadas*: Maria da Silva Bonifacio, Rosa Maria Gomes Veiga, Aurora da Silva Rezende, Isaura dos Santos Pereira e Rosa Borges de Pinho.

Dia 11 — *Approvadas*: Alvaro Pinto Henriques de Menezes (distincto), Armando Ramos Pereira, Francisco Pereira de Sá Malicia e Francisco Neves d'Oliveira.

Dia 12— *Approvados*: Joaquim Assis d'Oliveira e Silva (distincto), Raymundo Caetano Gomes Baptista, Antonio José d'Oliveira e Joaquim José dos Reis (distincto).

Dia 13—*Approvados*: Joaquim de Sá Camboa, Antonio Rodrigues Sarabanda, Manoel da Silva Tenente e Alfredo Soares Pinto Ferreira.

Nomeação

Foi nomeado escrivão de direito substituto para a comarca de Cantanhede o snr. Delfim José Rodrigues Braga, escrivão de paz d'este districto.

Os nossos parabens.

Festa

No proximo sabbado e domingo realisa-se no logar do Sobral a festa de São Domingos, havendo no dia 21 á noite arraial com illuminação, fogo d'artificio e duas bandas de musica e no dia 22 de manhã missa cantada, sermão e procissão e de tarde arraial fazendo-se ouvir até á noite as mesmas musicas.

Annuncios

ANNUNCIO

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No juizo de direito da primeira vara civel da comarca de Lisboa e cartorio do escrivão Kemp Serrão se processam seus autos de justificação avulsa em que é justificante D. Amelia Augusta Lisboa Pinho, auctorisada por seu marido João da Silva Pinho, da mesma cidade, e pelos quaes esta pretende habilitar-se como unica e universal herdeira de sua mãe D. Anna de Jesus Maria dos Santos, viuva de João Francisco de Pinho, natural e baptisada na freguezia de S. José, d'aquella cidade, e fallecida em 23 de maio ultimo sem testamento, em sua residencia que foi na Avenida da Liberdade, n.º 217, rez do chão, da dita cidade, habilitação esta para todos os effeitos legaes e especialmente para haver a si e fazer registar e averbar em seu nome todos os bens, direitos e acções que constituem a herança da justificada sua mãe, na qual estão comprehendidos os bens que seu fallecido marido lhe havia deixado no testamento com que se finou. E pelo presente correm editos de 30 dias a contar da ultima publicação d'este annuncio citando quaesquer interessados incertos que se julguem com direito a impugnar a pretendida habilitação para na segunda audiencia, posterior ao praso dos editos, verem accusar a citação e ahi assignar-se-lhes o praso legal para contestarem, querendo, sob pena de revelia. As audiencias n'aquelle juizo têem logar ás terças e sextas-feiras de cada semana, ou nos dias immediatos se algum d'aquelles fôr santificado ou feriado, pelas dez horas da manhã no edificio da Boa-Hora, sito na rua Nova d'Almada, o que se annuncia em cumprimento d'uma carta precatoria vinda da referida comarca de Lisboa, extrahida da citada justificação avulsa.

Ovar, 17 de agosto de 1909.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito,

Ignacio Monteiro.

O Escrivão,

João Ferreira Coelho.

(1)

Carreira de Banho

José Pinto Loureiro participa aos seus amigos e ao publico em geral que, desde o dia 23 d'Agosto em diante, põe na Praça um carro para serviço de banho ao preço de 140 réis cada viagem (ida e volta).

Partida para o Furadouro das 5 e meia para as 6 horas da manhã.

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

Carrelhas & Filho, Suc.or

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

OVAR